

Talentos escondidos: os beneficiários do Bolsa Família medalhistas das Olimpíadas de Matemática

Resumo

A Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) revela talentos das ciências exatas nas milhares de escolas estaduais e municipais do país. Nas últimas sete edições da Olimpíada, os beneficiários do Programa Bolsa Família (PBF) conquistaram mais de mil medalhas. Este artigo apresenta a trajetória dos beneficiários do PBF na OBMEP e, a partir de entrevistas com alguns deles, revela perspectivas distintas sobre o futuro desses jovens.

Introdução

Desde a primeira edição, em 2005, a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)¹ premia estudantes do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio de escolas municipais e estaduais com melhor desempenho em matemática. A OBMEP é uma iniciativa do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa), com apoio da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM) e com recursos dos Ministérios da Educação (MEC) e da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). A Olimpíada é realizada em 99% dos municípios brasileiros e, a cada edição, recebe cerca de 18 milhões de inscrições de alunos de 47 mil escolas².

A OBMEP tem como objetivos principais:

1. estimular e promover o estudo da matemática;
2. contribuir para a melhoria da qualidade da educação básica;
3. identificar jovens talentos e incentivar o ingresso em cursos universitários nas áreas científicas e tecnológicas;
4. incentivar o aperfeiçoamento dos professores das escolas públicas;
5. contribuir para a integração das escolas brasileiras com as universidades públicas, os institutos de pesquisa e com as sociedades científicas; e
6. promover a inclusão social por meio da difusão do conhecimento.

Diferentemente da Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM)³, que existe há mais de 30 anos e requer treinamento aprofundado na disciplina, a OBMEP é uma iniciativa mais recente, que busca identificar talentos naturais nas escolas públicas por meio de desafios de raciocínio lógico.

“A OBM sempre foi focada nas olimpíadas internacionais, então os exercícios propostos são de treinamento profundo. Mesmo um aluno com talento extraordinário para matemática tem que treinar para ter uma boa participação na OBM”, explica Claudio Landim, diretor adjunto do Impa.

Por ser centrada em conhecimentos amplos em matemática e lógica, a OBMEP passou a substituir, desde a edição de 2017, as duas primeiras fases classificatórias da OBM. A participação de alunos de escolas públicas na OBM cresceu seis vezes no ano passado, totalizando 509 estudantes somente na última edição. Com isso, a presença dos alunos das

escolas públicas na OBM tem se ampliado, inclusive com a possibilidade de representar o Brasil nas competições internacionais de matemática.

A OBMEP e o acesso a oportunidades

Além de facilitar o acesso de jovens de escolas públicas à OBM, a OBMEP abre portas para uma série de oportunidades, como programas de iniciação científica, bolsas de estudo e conteúdos de matemática. A mais abrangente delas é o Programa de Iniciação Científica Jr. (PIC). Todos os anos, o PIC oferece aos medalhistas da OBMEP o acesso a aulas de matemática avançada por um ano em universidades federais do país, além de uma bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no valor de R\$ 100.

“O PIC é a forma de formarmos esses talentos. É importante que os jovens tenham contato com os matemáticos, que eles sejam levados para a universidade e sintam-se estimulados a desenvolverem seus talentos particulares e reconhecidos nesse esforço”, avalia Landim.

Ao longo de suas edições, o PIC já encaminhou 47 mil alunos da rede pública de ensino a aulas de matemática com professores universitários. Até 2014, o programa era 100% presencial e, além da bolsa de R\$ 100, oferecia também ajuda de custo para deslocamento dos medalhistas e seus respectivos responsáveis legais às universidades, além de alojamento e alimentação durante os cursos.

Porém, desde 2015, após um corte no orçamento do Impa que impactou diretamente a ajuda de custo de deslocamento, o PIC passou a oferecer aulas virtuais como alternativa aos alunos que residem longe das universidades. Uma segunda opção foi lançada em 2016 para atender esses estudantes: o OBMEP na Escola, programa de formação de professores para dar aulas presenciais a turmas preparatórias para as olimpíadas. Atualmente, 900 professores participam do programa OBMEP na Escola. Enquanto o PIC presencial atende 75% dos medalhistas, o PIC virtual é utilizado por apenas 25%.

1. O BPC foi criado em 1993 por meio da Lei nº 8.742 (Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS).

2. Em 2017, a OBMEP passou a aceitar também a inscrição de escolas particulares, com classificação e premiação de forma separada das escolas públicas.

3. Portal OBM. Disponível em: <<http://obm.org.br/>> Acesso em: 24 mar. 2018.

“O PIC tem um impacto social extraordinário; sabemos que o aprendizado da matemática, se não for bem feito nos anos iniciais, dificilmente é corrigido. Mas esses programas, mesmo sendo baratos, só têm sido possíveis pelo apoio da iniciativa privada. É uma pena que o poder público não estimule mais. A OBMEP quer estender a estrutura, mas não tem orçamento”, lamenta Landim.

Como funciona

A OBMEP é composta por duas fases: a primeira é uma prova de múltipla escolha para todos os inscritos (cerca de 18 milhões de estudantes), seguida de uma prova discursiva para os 5% dos candidatos com melhor nota na primeira etapa. De acordo com o desempenho na segunda prova, os jovens recebem medalhas de ouro, prata e bronze ou menção honrosa.

As provas são elaboradas por um comitê, de aproximadamente 15 professores, que seleciona 20 perguntas de múltipla escolha para compor a primeira fase e seis perguntas discursivas para a segunda fase. O critério de seleção das perguntas é, basicamente, focado em escolher situações concretas, que envolvam raciocínio matemático na solução de problemas.






Segundo Claudio Landim, as questões da prova ganham complexidade gradualmente – a prova começa com questões mais simples e finaliza com as mais complexas (Figura 1). “O aluno não precisa de conhecimento profundo de matemática para conseguir resolver os problemas, pois a prova pede mais lógica, raciocínio, criatividade... essas características permitem detectar alunos com talentos”, explica.

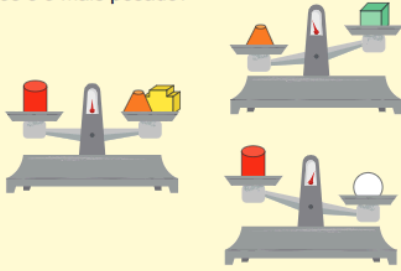
Figura 1 – Exemplos de questões da prova da OBMEP

19. Uma caixa contém nove bolas idênticas numeradas de 1 a 9. Uma primeira bola é sorteada, seu número é anotado e a bola é devolvida à caixa. Repete-se esse procedimento mais duas vezes, anotando-se também os números da segunda e terceira bolas sorteadas. Qual é a probabilidade de que a soma dos números nas duas primeiras bolas sorteadas não seja um múltiplo de 3 e a soma dos números nas três bolas sorteadas seja um múltiplo de 3?

A) $\frac{2}{9}$
 B) $\frac{1}{3}$
 C) $\frac{2}{3}$
 D) $\frac{6}{9}$
 E) $\frac{7}{9}$

1. Nas balanças da figura, objetos iguais têm pesos iguais. Qual dos objetos é o mais pesado?

A) 
 B) 
 C) 
 D) 
 E) 



Fonte: Prova da 13ª Olimpíada de Matemática das Escolas Públicas – OBMEP 2017⁴.

4. Disponível em: <<https://bit.ly/219HUcZ>>.

Bolsa Família e a OBMEP

Em 2017, a Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação (SAGI) do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) realizou alguns cruzamentos exploratórios de dados para identificar beneficiários do Programa Bolsa Família (PBF) entre os medalhistas da OBMEP, iniciando com isso uma interlocução com o Impa.

Os resultados dos batimentos realizados pela SAGI surpreenderam tanto o MDS quanto o Impa: foram identificados 2.717 medalhistas e menções honro-

sas cujas famílias são de baixa renda e estão inscritas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (Cadastro Único). Destes, 999 são beneficiários do PBF. Há medalhistas em todos os estados brasileiros.

Conforme a Tabela 1, nas últimas sete edições da OBMEP, os beneficiários do PBF conquistaram 1.288 medalhas – 93 de ouro, 234 de prata e 961 de bronze – e 465 menções honrosas. Há ainda sete jovens com deficiência, dois indígenas e um quilombola entre os medalhistas.

Tabela 1 – Medalhas da OBMEP conquistadas por beneficiários do PBF por ano

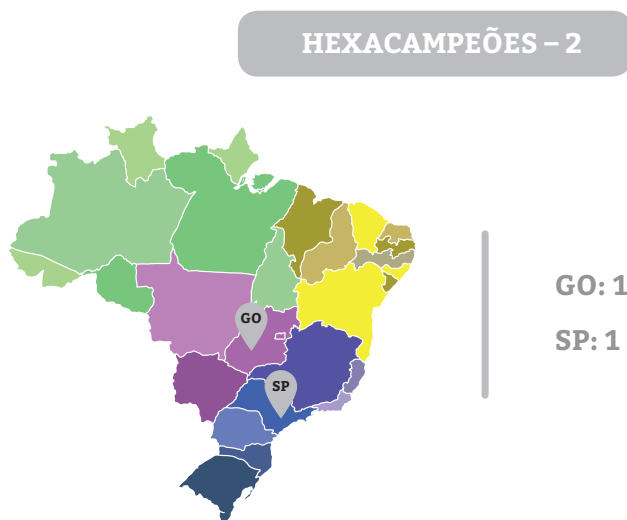
ANO	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL	MÉDIA DE BENEFICIÁRIOS DO BOLSA FAMÍLIA MEDALHISTAS DA OBMEP POR ANO: 184
2011	5	14	62	81	
2012	13	26	90	129	
2013	11	25	144	180	
2014	9	36	138	183	
2015	22	50	249	321	
2016	25	53	202	280	
2017	8	30	76	114	
TOTAL:	93	234	961	1.288	

Fonte: IMPA, elaboração SAGI/MDS

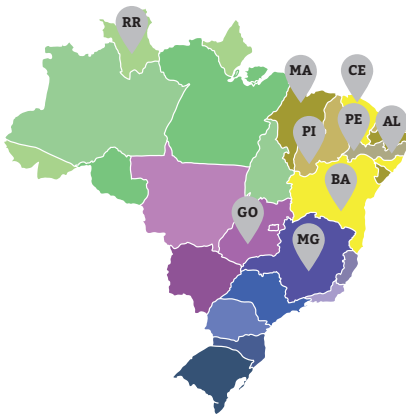
A Figura 2 apresenta, por região do Brasil, a quantidade de beneficiários do PBF vencedores por vários anos consecutivos: são dois hexacampeões, 14 pentacampeões, 21 tetracampeões e 64 tricampeões. Minas Gerais, Ceará e São Paulo são os estados

com maior frequência de medalhas por estudante: 77 mineiros, 33 cearenses e 30 paulistas já venceram a OBMEP entre duas e seis vezes. O Nordeste é a região com maior frequência de medalhas (126 estudantes), seguida do Sudeste (118).

Figura 2 – Frequência de medalhas da OBMEP conquistadas por beneficiários do PBF por região

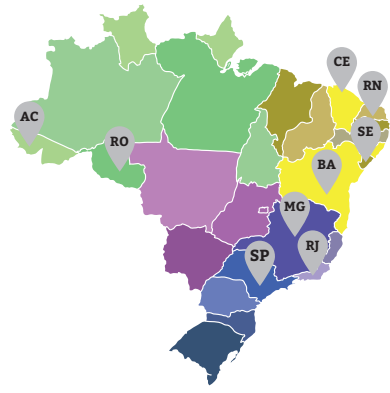


PENTACAMPEÕES - 14



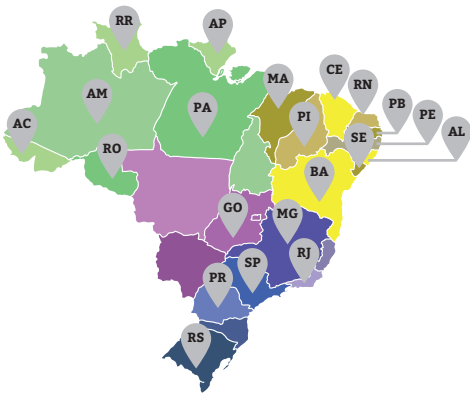
MG: 5	AL: 1	PE: 1
GO: 2	BA: 1	PI: 1
RR: 1	CE: 1	MA: 1

TETRAMCAMPEÕES - 21



MG: 7	CE: 2	AC: 1
RN: 3	SE: 2	RJ: 1
BA: 2	SP: 2	RO: 1

TRICAMPEÕES - 64



MG: 19	AL: 2	RN: 1
SP: 7	CE: 2	RR: 1
PI: 6	GO: 2	RS: 1
PE: 4	RJ: 2	SE: 1
BA: 3	AC: 1	
PA: 3	AM: 1	
PB: 3	AP: 1	
PR: 3	MA: 1	

Fonte: IMPA, elaboração SAGI/MDS

Um terço do grupo de medalhistas é formado por meninas, proporção considerada baixa. O Impa já pontua essa questão como um desafio para as próximas OBMEP, assim como a premiação de mais estudantes negros.

Casos de sucesso

Para além dos números, as histórias de meninos e meninas surpreendem. A rotina do goiano Luiz Vasconcelos Júnior, 17 anos, natural da pequena cidade de São Luís de Montes Belos (GO), mudou completamente após ele conseguir a sexta medalha na OBMEP e a segunda de ouro na Olimpíada, além de ter ganho uma menção honrosa na OBM.

Aos 17 anos, Luiz já exibe um currículo invejável:

- seis medalhas pela OBMEP;
- menção honrosa na OBM e na Olimpíada Brasileira de Física (OBF);
- ouro, bronze e menção honrosa na Olimpíada Brasileira de Geografia e na Olimpíada de Matemática do Estado de Goiás (OMEG);
- ouro e bronze na Olimpíada Brasileira de Física das Escolas Públicas (OBFEP);
- ouro e prata na olimpíada Canguru de Matemática.

O estudante do 3º ano do ensino médio foi convidado a estudar em uma escola particular do Rio de Janeiro, conhecida por preparar jovens para as provas do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e do Instituto Militar de Engenharia (IME). Desde fevereiro deste ano, Luiz mora no alojamento da escola com todas as despesas básicas cobertas pela bolsa que recebe (mensalidade, transporte, alimentação e alojamento).

“Eles [o colégio] me convidaram com base nas medalhas que ganhei e me chamaram para vir no ano passado, mas eu era muito novo. Então decidimos deixar para este ano”, explica o estudante. “O Luiz sonha alto, é curioso. Eu agradeço muito a Deus pela oportunidade. Foi muito difícil para mim; passava mal quando pensava que ele iria para outro estado. Mas aí eu acreditei, confiei que meu Deus cuida dele aqui e cuida dele lá”, desabafa Maria Ivone, mãe de Luiz.

Para morar na capital fluminense, Luiz deixou o pai, a mãe e o irmão mais novo no interior de Goiás. Em casa, a situação financeira é frágil: os pais estão desempregados e a renda da família vem da venda de salgados, dos bicos de pedreiro do pai e do benefício do PBF, enquanto o irmão mais novo trabalha como jovem aprendiz em um programa do governo.

Para realizar o sonho de estudar Engenharia Aero-náutica num dos institutos mais respeitados do país, Luiz terá de encarar o desafio de passar em provas difíceis e concorridas. Por isso, o jovem começou a estudar 13 horas todos os dias da semana, apenas variando um pouco o ambiente de estudo, entre o alojamento e a sala de aula. “A gente estuda em tempo integral, então tenho pouco tempo para sair. Estou longe de casa, em uma cidade grande, tem toda aquela experiência de andar por ruas movimentadas, o que é bem diferente da minha cidade”, compara.

Além da agenda apertada, Luiz cursa o PIC on-line com professores da Universidade Federal de Goiás (UFG), graças à medalha de ouro que recebeu na última edição da olimpíada. E as conquistas não param por aí: Luiz também foi selecionado pelo programa Goiás sem Fronteiras para passar 30 dias estudando inglês nos Estados Unidos em 2017 – sendo a primeira pessoa da sua casa a viajar para o exterior –, foi selecionado com outros 29 alunos do Brasil para participar de um intensivo de física em Campinas (SP), na Escola de Física Contemporânea da USP, e foi selecionado entre os 200 melhores alunos da OBMEP para participar do Encontro do Hotel de Hilbert, uma ação da OBMEP que oferecia palestras, minicursos, oficinas, atividades recreativas e maratonas aos estudantes.



O talento na matemática levou o goiano Luiz Vasconcelos a visitar Nova York e a se mudar para o Rio de Janeiro para se preparar para as provas do ITA e do IME. Crédito: Arquivo Pessoal.

Outro campeão com várias medalhas no currículo é o alagoano Maxmilian Barros de Siqueira. Aos 17 anos, o pentacampeão da OBMEP e menção honrosa na Olimpíada Brasileira de Astronomia (OBA) cursa graduação em Matemática na Universidade Federal de Alagoas (Ufal), ao mesmo tempo em que é bolsista do programa de iniciação científica PIC-

-ME. “Tenho um orientador para me ajudar com as matérias mais avançadas para facilitar a minha entrada no mestrado. A ideia é que a partir do 6º ou 7º período eu comece o mestrado.”

Maxmilian é o primeiro da família de cinco filhos a chegar à universidade. A mudança de perspectiva foi tamanha quando passou para o curso de Matemática, no segundo semestre de 2017, que parte da família decidiu se mudar da cidade natal, São José da Laje, para Maceió. Maxmilian mora com a mãe, Gilvaneide Barros, e o irmão mais novo na capital, enquanto três irmãos continuam com a avó no interior.

A renda da casa depende, basicamente, do Bolsa Família e da pensão pela morte do pai, um ex-policia militar. “Não está faltando nada, mas a renda não é flexível; vivemos perto do limite”, desabafa Maxmilian. “O Bolsa Família ajuda, porque a pensão é a única renda que a gente tem. Uso o dinheiro do Bolsa para comprar o material escolar deles”, diz Gilvaneide.

Maxmilian conta que a paixão pela matemática surgiu durante os três anos em que cursou o PIC presencial, de 2012 a 2014. “O PIC fazia com que a gente visse uma matemática pura, diferentemente da matemática aplicada que a gente via na escola. E foi aí que eu vi que a matemática ia além do que a escola mostra. Com o PIC, existia um porquê por trás de tudo, era muito gratificante e a gente se sentia motivado”, recorda-se.

O estudante lembra o papel importante da escola como apoiadora da trajetória dos alunos, especialmente dos professores no aconselhamento dos jovens. “Foi muita sorte a minha, porque talvez eu não tivesse seguido o caminho que segui sem o apoio da escola. Hoje tenho amigos que estão em cursos de Medicina, Enfermagem, Direito... as pessoas estão na universidade”, comemora.

Além do apoio da escola, outro fator que pode incentivar o bom desempenho dos estudantes é a influência positiva de se ter um medalhista em sala de aula. Em 2017, a pesquisadora Diana Moreira defendeu o doutorado na Universidade de Harvard avaliando esta questão: *Recognizing performance: how awards affect winners' and peers' performance in Brazil*.

Moreira avaliou o impacto gerado no ambiente escolar de ganhadores de menção honrosa na OBMEP e concluiu que o reconhecimento aumenta a performance acadêmica não apenas dos vencedores, mas também de seus colegas de sala, que melhoraram em cerca de 20% a participação e a nota obtida em edições futuras da Olimpíada. Segundo o estudo, esse efeito pode aumentar em 10% o ingresso em universidades. Para chegar a esses resultados, a pesquisadora usou dados de mais de cinco milhões de estudantes brasileiros em 170 mil salas de aula.

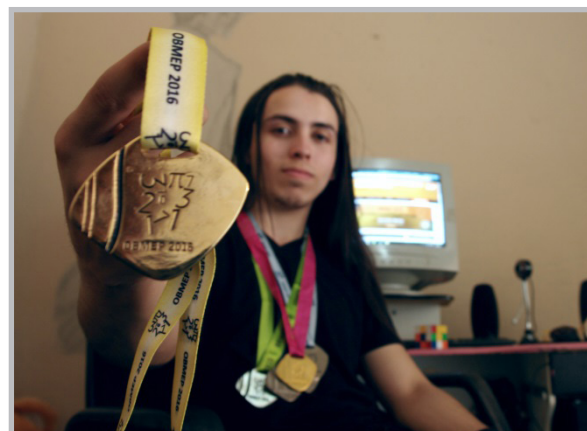
A pobreza esconde talentos

A dura realidade da pobreza e extrema pobreza no Brasil é capaz de esconder talentos como os de Luiz e Maxmilian. “É muito importante ter alguma estrutura que estimule você e te dê confiança a tentar e acreditar. Raramente encontrei um medalhista que não tivesse uma estrutura familiar”, pontua Claudio Landim.

A vulnerabilidade financeira dessas famílias é o principal fator que fragiliza tentativas de mudança de futuro. Aos 19 anos, o hexacampeão da OBMEP Rodrigo Gonçalves do Nascimento, morador do município de Capela do Alto, no interior de São Paulo, luta contra o tempo para conciliar a necessidade de trabalhar com a dedicação aos estudos para passar no Enem e iniciar a tão sonhada graduação em Engenharia Mecânica na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

Desde que concluiu o ensino médio, em 2016, Rodrigo tenta mirar no objetivo maior de entrar na faculdade, ao mesmo tempo em que precisa contribuir para a renda da casa. Já teve quatro empregos diferentes. No último, sem carteira assinada, trabalhava 12 horas por dia, inclusive aos finais de semana, em um mercadinho de um município vizinho, com direito a apenas um dia de folga na semana.

“Eu tive que parar tudo para trabalhar, mas eu quero ser alguém. Minha família inteira não tem faculdade, minha mãe trabalhou sempre com faxina, meu pai é caseiro e ganha muito pouco. Tenho vontade de sair da minha cidade para uma cidade maior, melhor, com mais oportunidade”, pondera Rodrigo.



Hexacampeão da OBMEP, Rodrigo Nascimento luta contra o tempo para conciliar a necessidade de trabalhar com os estudos para o Enem: sonho de estudar Engenharia Mecânica na UFSCAR. Crédito: Marianna Rios/SAGI/MDS.

Nesse meio tempo, concluiu um curso técnico em administração e iniciou outro em informática, mas nada lhe tira da cabeça a vontade de entrar na faculdade.

Para 2018, Rodrigo deixou o último emprego para se dedicar em tempo integral à prova do Enem. Para ajudar a pagar as contas de casa, pretende fazer bicos vendendo doces e consertando computadores.

Rodrigo conta com o apoio da mãe, Iolanda Borba, e do padrasto, Agnaldo da Silva, que vendem salgados e fazem faxina para levar renda para a família. Eles recebem Bolsa Família pelo filho mais novo Ryan, de 16 anos. “O Bolsa Família me ajudou muito, apesar do pouco. Uso para comida, para conta de água, de luz”, conta Iolanda.

Se passar no Enem, Rodrigo espera receber auxílio-moradia e alimentação da universidade para conseguir se dedicar exclusivamente aos estudos. O próximo objetivo também já está traçado: um intercâmbio em Portugal. “Quero estudar pelo menos um semestre fora. Os outros falam que eu sonho demais, mas eu não considero um sonho, eu considero um objetivo”, brinca. “É difícil conseguir alguma coisa, só estudando mesmo, e talvez só o Rodrigo consiga um futuro. Apesar de a gente dar bastante força, é cada um por si”, diz Iolanda.

Casos como o de Rodrigo evidenciam a necessidade urgente de criar mais oportunidades e incentivos para que esses jovens brilhantes possam desenvolver o seu potencial. Para isso, são necessários esforços conjuntos – da esfera pública e privada – que garantam que esses talentos não fiquem escondidos.

Esperança de um futuro melhor

Morando em estados vizinhos do Nordeste, duas adolescentes compartilham histórias parecidas de mães guerreiras que querem mudar a trajetória da família.

A cearense Geovana Rodrigues da Páscoa Souza, de 14 anos, passa a semana com a avó e os dois irmãos mais velhos, Jonas, 24, e Joyce, 23, numa casa de dois quartos no pequeno distrito de Jordão, no interior do Ceará. A mãe, Maria Telma, é empregada doméstica e dorme de segunda a sábado na residência onde trabalha, na cidade de Sobral.

Enquanto a mãe supre as necessidades do presente, Geovana se esforça para garantir um futuro mais confortável à família. A jovem concilia a rotina da escola com o curso de informática e o grupo de estudos preparatório para a Olimpíada de Física.

Medalhista de ouro e bronze na OBMEP e de prata na Olimpíada de Astronomia, a estudante terá um ano cheio de compromissos. Um deles é com as aulas de matemática avançada no PIC, pelo terceiro ano consecutivo, e o outro é com a responsabilidade de ser bolsista em um colégio particular com tradição em formar medalhistas em olimpíadas de matemática e de aprovações no ITA.

“Eu não queria deixar minha antiga escola, mas encarei como um novo desafio para me preparar para o vestibular. No início foi um pouco difícil para pegar o ritmo, pois é mais puxado”, compara Geovana. A aluna do 9º ano sonha em estudar Engenharia e em conquistar o seu lugar numa área ainda majoritariamente masculina. “Acho que as mulheres têm que estar mais interligadas a outras áreas que são dominadas pelos homens”, diz.

Na capital do Rio Grande do Norte, Natal, está Samantha Luize de Araújo Constâncio, 13 anos. Filha única, a jovem divide com a mãe, Maria das Vitórias, uma quitinete, de onde partem todas as manhãs para suas rotinas distintas.

Enquanto Samantha intercala dias de cursinho de inglês e de cursinho preparatório para ingressar no ensino médio no Instituto Federal – ambos pagos por uma das patroas de sua mãe – e aulas à tarde na escola, Maria das Vitórias tem sempre o mesmo destino: as faxinas em uma das seis casas que a contratam e que levam o sustento para dentro de casa.

Estudante do 9º ano de uma escola municipal, ainda no ano passado, quando estava no 8º ano, Samantha foi incentivada pela mãe a prestar a prova de seleção para fazer o ensino médio no Instituto Federal de Natal e passou. Contudo, como tinha apenas 15 anos, não foi liberada para frequentar o curso.

A responsável por alimentar a mente da adolescente com oportunidades é a mãe, Maria das Vitórias. “É minha mãe quem dá essas ideias. Eu aceito, vou, e às vezes dá certo, às vezes não dá”, comenta Samantha, achando graça. “Fiz ela fazer a prova do IF só por experiência. Eu boto ela em tudo, para não ficar em casa. Até comecei a arranjar material para ver se ela vai estudando mais, porque eu sei que ela é boa em matemática”, diz Maria das Vitórias, confiante no potencial da filha.



A diarista Maria das Vitórias (E) está sempre de olho em oportunidades para a filha de 13 anos, medalhista de bronze da OBMEP: “Quero que a Samantha seja diferente”. Crédito: Marianna Rios/SAGI/MDS.

O esforço da mãe para garantir o estudo da filha deu o primeiro resultado no ano passado, quando Samantha conquistou a primeira medalha na OBMEP, um bronze, além de o direito de participar do PIC na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). “O PIC vai ajudar bastante. Eu acho que vai ser legal conhecer a universidade e aprender mais matemática. Eu gosto muito dessa área”, derrete-se Samantha.

Quando pensa no futuro, a estudante é enfática: quer estudar Medicina em Harvard. “Eu sempre quis Medicina e não mudaria para Matemática. Mas, se não der certo, o sonho mais próximo que eu tenho é trabalhar naquele hospital famoso de cirurgia lá em São Paulo, o Sírio-Libanês.”

Maria das Vitórias também embarca nos desejos da filha e torce para que a menina voe alto. “Se ela tem vontade de ir embora do país, eu incentivo mais ainda. Quero que a Samantha seja diferente.”

Considerações finais

A parceria da SAGI/MDS com o Impa buscou aprofundar o conhecimento sobre um perfil pouco dimensionado no público do Bolsa Família: beneficiários medalhistas na OBMEP. Nesse projeto, descobriu-se que, nas últimas sete edições das Olimpíadas, 2.717 medalhistas e menções honrosas estão inscritos no Cadastro Único e, portanto, são jovens que provêm das famílias mais vulneráveis do Brasil. Desses, 999 são beneficiários do PBF, distribuídos em todos os estados brasileiros.

Os beneficiários do PBF conquistaram 1.288 medalhas – 93 de ouro, 234 de prata e 961 de bronze – e 465 menções honrosas. Vários adolescentes ainda alcançaram títulos consecutivos: são dois hexacampeões, 14 pentacampeões, 21 tetracampeões e 64 tricampeões.

Esses quase mil jovens brasileiros que vivem situações de grande vulnerabilidade e são medalhistas em uma das maiores competições de matemática do Brasil servem de inspiração para tantos outros jovens acreditarem em seu potencial para mudar a própria trajetória. Também é inspirador para o próprio MDS, que aprofunda o conhecimento sobre os beneficiários das suas políticas sociais e pode buscar parcerias a fim de promover um acompanhamento mais adequado desses jovens talentos.

Para não desperdiçar essas capacidades, é urgente um esforço concentrado para criar oportunidades para os tantos Luizes e Maxmilians desse Brasil, que possam motivar e incentivar as Samanthas e as Geovanas e que possam apoiar os Rodrigues. Afinal de contas, a pobreza não pode continuar escondendo tantos talentos.

Referências Bibliográficas

MOREIRA, D. *Recognizing performance: how awards affect winners' and peers' performance in Brazil*. 2017. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) – Harvard Business School, Cambridge, 2017.

